

Olhares sobre os minoritários

Lisboa, cidade mestiça, celta e árabe, não te deixes atacar pelo mal. Lisboa, branca e negra, cidade de gentes desvairadas, das sete partidas do mundo, porto de chegada, rua de encontro, porto de saída, mantém-te fiel ao que de melhor tens, a tua variedade, as tuas origens improváveis, a tua mistura. Lisboa, cigana e lusa, cidade aberta ao mar e ao mundo, faz com que nas tuas ruas se falem todas as línguas e nas tuas casas se juntem os corpos de todas as cores.

(Barreto, 1993: 9)

Pretende o presente artigo sumariar os resultados de uma investigação conduzida em 1992/94 sobre os «estereótipos» que os «Portugueses» desenvolvem de diferentes grupos étnicos residentes em Portugal, ou, se quisermos, sobre os olhares dos Portugueses sobre os minoritários.

Na sua leitura não se poderá deixar de ter presente que os estereótipos e/ou os olhares de que falamos estão, necessariamente, subjacentes aos discursos sobre os minoritários.

I. Estereótipos sociais

«Estereótipo» tem origem nas palavras gregas *stereos* (sólido) e *tupos* (marca, cunho). Referir-se-ia, portanto, a uma placa de impressão que produziria uma mesma imagem em cada impressão.

À primeira vista pode parecer desnecessário definir estereótipo. A palavra é correntemente utilizada na linguagem quotidiana e o seu significado parece simples e evidente. No entanto, a palavra é definida de formas bem diversas no domínio das Ciências Sociais.

Surge, neste domínio, com o desenvolvimento da teoria das opiniões. W. Lippman utiliza-a, em 1922, no seu livro *Public Opinion*, para expressar o carácter condensado, esquemático e simplificado das opiniões. O autor perspectiva o estereótipo como factualmente incorrecto, rígido, resultante de um processo ilógico de pensamento e resistente à educação.

Tajfel adopta a definição de estereótipo de O. Stallybrass (1977, citado por Tajfel, 1982: 160), incluída no *Fontana Dictionary of Modern Thought*, segundo a qual, o estereótipo seria «uma imagem mental hipersimplificada de uma determinada categoria [...] de indivíduo, instituição ou acontecimento, *compartilhada*, em aspectos essenciais, por grande número de pessoas».

O autor considera ser a definição que melhor salienta a dimensão social dos estereótipos¹ («*compartilhada* [...] por grande número de pessoas»).

Os estereótipos transformam diferenças menos claras entre os grupos (categorias), em diferenças mais nítidas e criam diferenças onde, antes, elas não existiam. Relacionam um conjunto de atributos (por exemplo, inteligência), que variam em termos de uma dimensão contínua e categorias de indivíduos². Os atributos são, através da experiência, associados às categorias. Quando o conhecimento do indivíduo avaliado é reduzido, são-lhe atribuídas as características consideradas típicas da categoria.

As categorias podem ser mais amplas – raças³ (amarelos, judeus, negros...), grupos étnicos (ciganos, timorenses...) ou mais restritas – profissões, classes e grupos (professores, capitalistas, imigrantes...).

As categorias a que nos referimos neste estudo são grupos étnicos. A palavra «étnico» deriva do grego *ethnos*, que se refere a povo, a colectividade que partilha atributos comuns.

¹ O nosso estudo refere-se, apenas, aos estereótipos sociais, i.e., aos estereótipos partilhados por um grande número de indivíduos.

² Categorias de indivíduos enquanto símbolos de uma dada ideologia (Mao Tsé-Tung, Fidel Castro, Che Guevara, Adolf Hitler...)

³ Apesar de estar cientificamente provado que não existem raças, os indivíduos percebem, com base em indicadores físicos, diferenças raciais entre grupos. Assim sendo, o conceito de raça não pode ser ignorado pelos investigadores sociais (raça social), e é nesse sentido que nos referiremos a raça.

Os critérios adoptados na definição de grupo étnico variam, consideravelmente, de autor para autor. «Étnico» pode referir-se a uma origem nacional (por exemplo, alemães), a uma religião ou herança cultural comum (por exemplo, judeus) ou a dadas características raciais (por exemplo, negros).

Na definição de grupo étnico que elaborámos, procurámos integrar critérios considerados por diferentes autores. Assim sendo, um grupo étnico é um **grupo de indivíduos que partilham** (não necessariamente em simultâneo) uma **nacionalidade de origem**, uma **língua veicular**, uma **história herdada ou construída** e, nomeadamente, um **historial de permanência num dado território**, **valores culturais** (literatura, religião, música, culinária...), **modos de organização social** e **formas de comunicação** na vivência dos quotidianos, um **projecto** e **consciência de pertença ao grupo**.

II. Metodologia

1. Sujeitos

1.1. População

Atendendo ao facto de, por limitações de ordem vária⁴, não nos ser possível analisar toda a população portuguesa ou mesmo uma amostra estatisticamente representativa dessa população, definimos o seguinte universo de amostragem: estudantes⁵ de nacionalidade portuguesa, de ambos os sexos, que frequentam o 11.º ano de escolaridade (de cursos secundários gerais e tecnológicos) em regime diurno, no ano lectivo de 1993/94, nas escolas secundárias do concelho do Seixal.

⁴ Fundamentalmente relacionadas com o tempo disponível e com o facto de se tratar de um estudo desenvolvido por um único experimentador.

⁵ A escolha de uma população de estudantes prende-se com uma maior facilidade de aplicação dos questionários (possibilidade de aplicação em contexto turma).

1.2. Amostra

São as seguintes as 6 escolas secundárias do concelho que ministram o 11.º ano de escolaridade, em regime diurno, no ano lectivo de 1993/94: Escola Secundária de Amora (Amora), Escola Secundária de Corroios n.º 1 (Corroios), Escola Secundária do Alto do Cavadas⁶ (Alto do Cavadas-Torre da Marinha), Escola Secundária do Fogueteiro (Fogueteiro), Escola Secundária José Afonso⁷ (Cavaquinhas-Arrentela) e Escola Secundária Moinho da Maré (Quinta do Rouxinol-Corroios).

Nas 6 escolas referidas existem 63 turmas do 11.º ano (de cursos secundários gerais e tecnológicos) em regime diurno. Aplicar o questionário (instrumento base de recolha de informação neste estudo e que referiremos detalhadamente em 2.2) às 63 turmas, implicaria um procedimento extremamente moroso. Assim sendo, optámos por apenas o aplicar a 1/5⁸ das turmas (escolhidas de forma aleatória) de cada escola. Desta forma, numa escola que tem 21 turmas, aplicámos o questionário a 4 turmas ($21 \times 1/5 = 4.2$), numa escola que tem 5 turmas aplicámos a 1 turma ($5 \times 1/5 = 1$), ... e assim por diante.

O número total de turmas a que o questionário é aplicado é de 13 e o número total de sujeitos é de 252 (134 rapazes e 118 raparigas).

2. Material

2.1. Questionário inicial

O instrumento base deste estudo foi construído a partir da aplicação de um **questionário inicial** a 200 **sujeitos** de características próximas⁹ dos da amostra experimental.

⁶ Antiga Escola Secundária n.º 2 do Seixal.

⁷ Antiga Escola Secundária n.º 1 do Seixal.

⁸ 1/5 constitui uma proporção que corresponde a um número de questionários que nos parece aceitável.

⁹ Estudantes de ambos os sexos, de nacionalidade portuguesa, que frequentam o 11.º ano, em regime diurno, em escolas secundárias do concelho do Seixal, no ano lectivo de 1992/93.

No questionário inicial foi solicitado o seguinte aos sujeitos: *Em relação a cada um dos grupos apresentados por ordem alfabética (alemães, brasileiros, caboverdianos...), escreve as palavras que consideras que o definem, recorrendo, sempre que possível, a adjectivos.*

Com base na análise de frequência dos adjectivos mais referidos pelos sujeitos foi construída uma lista de 80 adjectivos (ordenada por ordem alfabética), incluída no questionário final (o qual apenas designaremos por questionário). Procurámos que aproximadamente metade dos adjectivos tivesse uma conotação negativa e outra metade positiva.

2. 2. Questionário

O questionário¹⁰ é constituído por 4 partes que passamos a descrever:¹¹

Parte 1 – Instruções e recolha de informações

• Instruções

- Texto de sensibilização para o facto de todos termos ideias gerais sobre diferentes grupos de pessoas: *No mundo existem diferentes grupos de pessoas que diferem em diversos aspectos: nacionalidade, língua, religião, cor da pele, forma de vestir, hábitos alimentares, etc. Todos nós temos ideias gerais acerca desses diferentes grupos. Podemos, por exemplo, considerar, que os árabes são misteriosos, que os japoneses são trabalhadores ou que os americanos são patriotas.*

¹⁰ Uma vez que a variável «ordem» (sequência pela qual os diferentes grupos são apresentados no questionário) pode influenciar as respostas dos sujeitos, são construídas 12 versões do questionário, nas quais varia a ordem de apresentação dos grupos. Por limitações de espaço não desenvolveremos esta questão.

¹¹ As 4 partes referidas são apresentadas em 5 páginas agrafadas, sendo a listagem dos adjectivos apresentada em folha avulsa.

Discursos

- Explicitação do objectivo do estudo: *Este estudo pretende determinar as ideias que tens sobre determinados grupos de pessoas.*
- Ênfase na importância da sinceridade das respostas e de responder a todas as questões: *A sinceridade das respostas é fundamental para a sua validade. Deves responder a todas as questões. Se não o fizeres o inquérito será invalidado.*
- **Recolha de informações:** Sexo, ano de nascimento e idade, visitou algum/não visitou nenhum país estrangeiro, já/nunca residiu no estrangeiro, contacta/não contacta, habitualmente, com estrangeiros, tem/não tem familiares estrangeiros ou que residam no estrangeiro, habilitações escolares e profissão do pai e da mãe.

Parte 2 – É solicitado aos sujeitos que escrevam os 5 adjectivos que consideram melhor caracterizar cada um dos 13 grupos étnicos apresentados, incluindo o grupo dos portugueses¹². É salientado que, uma vez que só adjectivos da lista podem ser escritos, a lista deve ser consultada antes da atribuição dos adjectivos a cada grupo ser realizada: *Escreve, de entre os adjectivos da lista, os 5 que, no teu entender,*

¹² Por limitações de ordem metodológica há que circunscrever a investigação a 13 grupos étnicos: alemães, brasileiros, caboverdianos, chineses, ciganos, espanhóis, franceses, indianos, ingleses, judeus, PALOP, portugueses e timorenses. A escolha dos grupos em causa, em detrimento de outros, é determinada por um ou mais do que um dos seguintes critérios: dimensão que apresentam em Portugal, significado na actualidade e/ou na história de Portugal e/ou da Europa, destaque que assumem no período de realização da pesquisa. De notar, ainda, que a separação das categorias caboverdianas e PALOP se deve ao facto de resultados de alguns estudos indicarem que a representação dos caboverdianos é distinta das dos outros PALOP. Assim, por exemplo, num estudo realizado com base na análise de imprensa nacional (Esteves, 1991: pp. 63-74), apenas se encontram representações consistentes e desenvolvidas (quer na dimensão cognitiva, quer na atitudinal, quer em termos de expectativas) relativamente à população caboverdiana. Para além deste aspecto, a população de Cabo Verde apresenta, em Portugal, uma dimensão completamente diferente da dos restantes Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

melhor caracterizam cada um dos grupos que te são apresentados. Uma vez que só podes escrever adjectivos da lista, deves consultá-la antes de atribuíres os adjectivos a cada grupo.

Parte 3 – É solicitado aos sujeitos que, à frente de cada adjectivo que escreveram, coloquem um sinal + ou -, consoante considerem que o adjectivo está a valorizar ou a menosprezar o grupo: *Volta à página 2 e lê o primeiro adjectivo que escreveste. Se consideras que esse adjectivo é positivo, se atribuído a um amigo teu, coloca um sinal + à sua frente; se consideras que esse adjectivo é negativo, se atribuído a um amigo teu, coloca um sinal - à sua frente. Segue o mesmo procedimento relativamente a cada um dos adjectivos que atribuíste a cada um dos diferentes grupos.*

De notar que só se pede aos sujeitos que coloquem os sinais + e - depois de terem escrito os adjectivos, de modo a evitar que ao atribuírem adjectivos a um dado grupo, não estejam com a preocupação de terem atribuído muitos adjectivos + ou - a um dado grupo.

Parte 4 – É solicitado aos sujeitos que, numa escala de -5 a +5 (em que -5 significa muito diferentes e +5 muito semelhantes) escolham o grau em que consideram que cada grupo apresentado difere do grupo dos portugueses: *Nas escalas abaixo apresentadas, com amplitude variando entre -5 e +5 (em que -5 significa muito diferentes e +5 muito semelhantes), assinala, com uma cruz, o grau em que consideras que cada um dos grupos apresentados é semelhante ou diferente do grupo dos portugueses.*

No final do questionário, é pedido aos sujeitos que verifiquem se responderam a todas as questões. Agradece-se a colaboração.

III. Resultados

Os dados dos questionários são tratados estatisticamente com o programa *Statistical Package for Social Sciences (SPSS)*, versão 3.0. Uma vez que os tratamentos são muito extensos, apenas são apresentados os resultados que consideramos particularmente pertinentes.

Os 10 adjectivos mais atribuídos a cada grupo

Nos quadros 1 a 13 são apresentados os 10 adjectivos mais atribuídos a cada grupo.

As elevadas frequências dos 10 adjectivos mais atribuídos indiciam uma grande consistência dos estereótipos, isto é, a existência de consenso, por parte dos sujeitos, relativamente aos adjectivos que caracterizam cada grupo.

Quadro 1

Os 10 adjectivos mais atribuídos aos alemães

ADJECTIVOS	FREQ.
63. Racistas	140
6. Autoritários	70
43. Militaristas	70
49. Patriotas	68
19. Disciplinados	54
80. Violentos	54
57. Poderosos	51
14. Cruéis	46
2. Altivos	43
29. Fanáticos	42

Quadro 2

Os 10 adjectivos mais atribuídos aos brasileiros

ADJECTIVOS	FREQ.
20. Divertidos	177
10. Comunicativos	123
27. Exóticos	105
56. Pobres	66
8. Barulhentos	54
31. Hospitais	45
60. Preguiçosos	45
69. Sensuais	45
75. Supersticiosos	35
67. Românticos	33

Quadro 3

Os 10 adjectivos mais atribuídos aos caboverdianos

ADJECTIVOS	FREQ.
56. Pobres	81
39. Marginalizados	77
28. Explorados	60
18. Desprotegidos	51
80. Violentos	51
79. Vingativos	45
16. Desconfiados	40
8. Barulhentos	36
10. Comunicativos	35
78. Tristes	33

Quadro 4

Os 10 adjectivos mais atribuídos aos chineses

ADJECTIVOS	FREQ.
77. Tradicionalistas	79
15. Cultos	70
33. Inteligentes	61
19. Disciplinados	60
24. Eficientes	60
45. Organizados	56
22. Económicos	48
27. Exóticos	48
44. Negociantes	47
42. Calculistas	42

Quadro 5

Os 10 adjectivos mais atribuídos aos ciganos

ADJECTIVOS	FREQ.
79. Vingativos	114
1. Aldrabões	111
44. Negociantes	85
16. Desconfiados	70
74. Sujos	70
8. Barulhentos	67
39. Marginalizados	62
80. Violentos	61
77. Tradicionalistas	56
38. Marginais	46

Quadro 6

Os 10 adjectivos mais atribuídos aos espanhóis

ADJECTIVOS	FREQ.
8. Barulhentos	80
1. Aldrabões	62
20. Divertidos	59
10. Comunicativos	57
16. Desconfiados	53
4. Antipáticos	50
34. Invejosos	45
44. Negociantes	43
3. Ambiciosos	38
46. Orgulhosos	37

Discursos

Quadro 7

Os 10 adjetivos mais atribuídos aos portugueses

ADJECTIVOS	FREQ.
31. Hospitaleiros	136
10. Comunicativos	79
20. Divertidos	65
77. Tradicionalistas	55
3. Ambiciosos	51
72. Solidários	49
46. Orgulhosos	46
64. Religiosos	40
61. Prestáveis	38
60. Preguiçosos	36

Quadro 8

Os 10 adjetivos mais atribuídos aos franceses

ADJECTIVOS	FREQ.
67. Românticos	90
25. Elegantes	83
23. Educados	77
10. Comunicativos	56
65. Requentados	50
15. Cultos	46
19. Disciplinados	40
46. Orgulhosos	37
2. Altivos	35
45. Organizados	35

Quadro 9

Os 10 adjetivos mais atribuídos aos indianos

ADJECTIVOS	FREQ.
64. Religiosos	126
44. Negociantes	114
77. Tradicionalistas	97
27. Exóticos	52
75. Supersticiosos	52
1. Aldrabões	39
16. Desconfiados	37
48. Passivos	33
56. Pobres	32
3. Ambiciosos	31

Quadro 10

Os 10 adjetivos mais atribuídos aos ingleses

ADJECTIVOS	FREQ.
23. Educados	90
58. Pontuais	81
19. Disciplinados	62
15. Cultos	60
45. Organizados	52
77. Tradicionalistas	50
25. Elegantes	47
2. Altivos	45
65. Requentados	41
49. Patriotas	40

Quadro 11
Os 10 adjectivos mais atribuídos aos judeus

ADJECTIVOS	FREQ.
64. Religiosos	154
51. Perseguidos	82
77. Tradicionalistas	74
44. Negociantes	53
15. Cultos	42
16. Desconfiados	36
23. Exóticos	35
39. Marginalizados	33
18. Desprotegidos	30
36. Isolacionistas	29

Quadro 12
Os 11 adjectivos mais atribuídos aos PALOP ¹³

ADJECTIVOS	FREQ.
56. Pobres	116
28. Explorados	103
39. Marginalizados	76
18. Desprotegidos	68
78. Tristes	47
80. Violentos	46
16. Desconfiados	42
37. Lutadores	42
51. Perseguidos	37
8. Barulhentos	34
79. Vingativos	34

Quadro 13
Os 10 adjectivos mais atribuídos aos timorenses

ADJECTIVOS	FREQ.
18. Desprotegidos	149
51. Perseguidos	134
28. Explorados	113
37. Lutadores	102
12. Corajosos	94
78. Tristes	92
56. Pobres	79
39. Marginalizados	66
49. Patriotas	48
64. Religiosos	27

¹³ Neste caso, dado existirem 2 adjectivos com a décima frequência mais baixa (34), temos de considerar 11 adjectivos.

Análise de clusters

Procurámos saber se, para além de deterem um estereótipo particular de cada grupo, os sujeitos percebem algo de comum entre alguns dos grupos. Com esse objectivo, procedemos a uma técnica geralmente designada na literatura de língua inglesa por *cluster analysis* que permite constituir grupos homogéneos a partir de conjuntos complexos de dados.

No esquema 1 são apresentados os 4 clusters identificados. O 1.º cluster é constituído pelos alemães, franceses e ingleses, ou seja, por todos os europeus considerados no estudo, excepto os espanhóis. A estes 3 grupos são muito atribuídos adjectivos como *altivos, disciplinados* e não são atribuídos adjectivos como *marginalizados, pobres e marginais*.

O 2.º cluster é constituído pelos brasileiros, espanhóis e portugueses. Estes grupos são perspectivados como próximos geográfica, linguística e culturalmente. Adjectivos como *comunicativos e divertidos* são muito atribuídos.

O 3.º cluster é constituído pelos chineses, indianos, judeus e ciganos, considerados os exóticos, os diferentes, seja essa diferença entendida de uma forma positiva ou de uma forma negativa. Adjectivos como *negociantes* são muito atribuídos a estes grupos.

Finalmente, o 4.º cluster é constituído pelos caboverdianos, PALOP e timorenses. Estes grupos têm a cor como denominador comum e são-lhes atribuídos adjectivos como *pobres, tristes, marginalizados e desgraçados*.

Esquema 1

Clusters

1.º cluster :	alemães
	franceses
	ingleses
2.º cluster:	brasileiros
	espanhóis
	portugueses

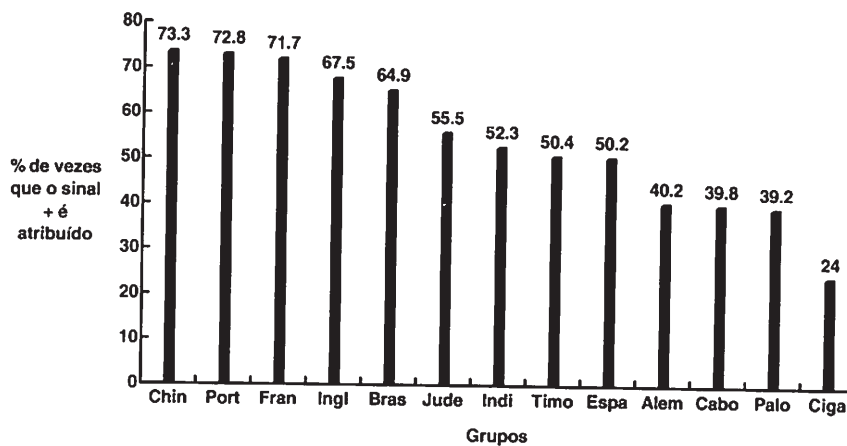
- 3.º cluster: | chineses
 | indianos
 | judeus
 | ciganos
- 4.º cluster: | caboverdianos
 | PALOP
 | timorenses

Positividade dos estereótipos dos grupos. Diferenças entre grupos em termos de positividade

Com base na positividade dos estereótipos de cada um dos grupos-percentagem de vezes que o sinal + é atribuído ao grupo – constrói-se o gráfico 1.

Gráfico 1

Positividade dos estereótipos dos grupos



Existem diferenças nítidas na positividade dos estereótipos dos diferentes grupos. É curioso que a positividade do estereótipo dos chineses e dos franceses não seja estatisticamente diferente da positividade do estereótipo dos portugueses. Apesar de existir uma diferença numérica (que é, de resto, favorável aos chineses), essa diferença não tem significado estatístico. Este resultado é relativamente invulgar em estudos deste tipo, nos quais, em geral, se encontra um grande favoritismo para com o *ingroup*¹⁴. Este resultado pode relacionar-se com características por demais conhecidas do nosso povo, nomeadamente, a auto-crítica, a desvalorização, o fascínio pelo estrangeiro (ou antes, por certos estrangeiros).

À positividade do estereótipo dos chineses está, decerto, subjacente o fascínio, a valorização de uma cultura perspectivada como exótica, a valorização de características como a inteligência, a disciplina, a economia, as quais não são, curiosamente, atribuídas ao *ingroup*.

Não é possível falar de um grupo de «europeus» relativamente ao qual exista um estereótipo genericamente positivo. De facto, se os estereótipos dos franceses e dos ingleses são bastante positivos, os dos espanhóis e os dos alemães não o são.

Uma positividade de 50.2 face aos espanhóis, revela uma ambivalência facilmente compreendida atendendo à nossa história relacional.

A negatividade do estereótipo dos alemães é, provavelmente, explicada pelo crescente poderio económico e político que o país vem a adquirir no seio da União Europeia e pela ainda presente memória do nazismo.

Não dificilmente compreendida é a positividade do estereótipo dos brasileiros e a negatividade do dos ciganos, grupo tradicionalmente desvalorizado na grande generalidade das sociedades humanas.

De notar que os caboverdianos e os PALOP constituem, conjuntamente com os ciganos, os 3 grupos relativamente aos quais os estereótipos são mais

¹⁴ *Ingroup* pode ser traduzido por «grupo de referência», grupo a que o indivíduo considera pertencer. Representa, geralmente, um pólo de atracção. *Outgroup* corresponde, por oposição, ao grupo a que o indivíduo considera não pertencer. Representa, geralmente, um pólo de rejeição.

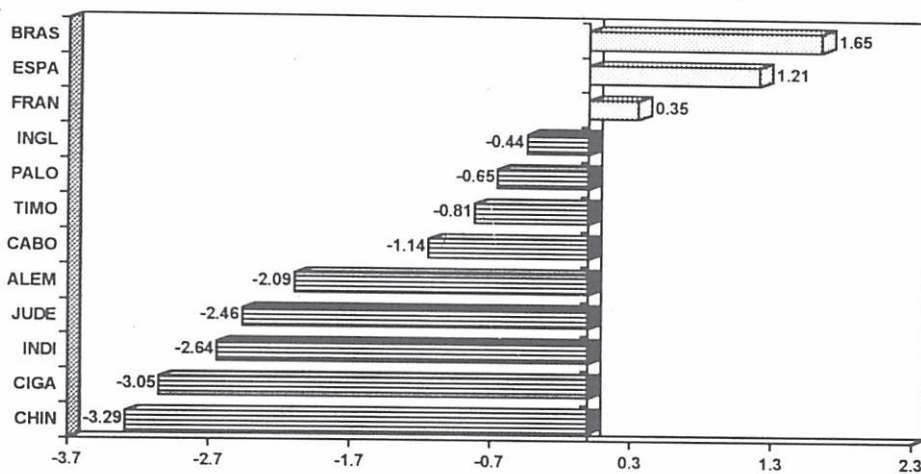
negativos. É curioso encontrar este resultado num momento em que tanto se fala em cooperação com África. O critério cor, parece, assim, continuar a ser relevante na perspetivação dos Outros.

Ordenação dos grupos com base na sua semelhança com os Portugueses

No gráfico 2 é apresentada uma ordenação dos grupos com base no grau em que são considerados semelhantes aos portugueses.

Gráfico 2

Ordenação dos grupos consoante o grau em que são considerados semelhantes aos portugueses



Encontram-se diferenças nítidas a nível do grau em que se consideram os diferentes grupos semelhantes aos portugueses. De notar que, de todos os grupos, brasileiros, espanhóis e franceses (com destaque para os primeiros) são os únicos que, em termos médios, são considerados mais semelhantes do

Discursos

que diferentes. É curioso que o grupo considerado mais diferente dos portugueses seja exactamente aquele em relação ao qual (em termos numéricos) o estereótipo é mais positivo – chineses.

Para finalizar, gostaríamos de referir que foi encontrada uma genérica correlação entre as variáveis «semelhança» e «positividade», a nível da maioria dos grupos. Esta correlação apenas não se verificou relativamente aos grupos dos chineses, ingleses e timorenses. Em relação a estes 3 grupos a positividade dos estereótipos é independente do grau em que se considera serem semelhantes aos portugueses. É assim que, por exemplo se compreende que exista um estereótipo tão positivo dos chineses, e este grupo seja, paralelamente, perspectivado como tão diferente dos portugueses.

Apesar das 3 excepções referidas, podemos considerar que os grupos perspectivados como mais semelhantes ao *ingroup* são, em termos gerais, aqueles relativamente aos quais os estereótipos são mais positivos.

Joana Miranda é licenciada em Psicologia. É assistente da disciplina de Psicologia Educacional da Universidade Aberta. Tem o Mestrado em Relações Interculturais pela mesma Universidade, tendo defendido uma dissertação de Mestrado com o título *Grupos étnicos em Portugal. Os estereótipos dos «Portugueses»*.

Referências bibliográficas

- BARRETO, A. (1993) – «Lisboa, Não Sejas Racista!», in *Agenda Cultural*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, p. 9.
- BOILEAU, G. (1980) – «Groupes (Ethnologie)», in *Encyclopaedia Universalis*, Paris, Encyclopaedia Universalis France, 8, pp. 55-59.
- BRIGHAM, J. C. (1971) – «Ethnic Stereotypes», in *Psychological Bulletin*, 76 (1), pp. 15-38.
- CAMPBELL, D. T. (1967) – «Stereotypes and the Perception of Group Differences», in *American Psychologist*, 22, pp. 817-829.
- DORAI, M. (1988) – «Qu'est-ce qu'un Stereotype? Contribution à la Définition d'un Concept», in *Enfance*, 41 (3-4), pp. 45-54.
- DORAI, M. (1991) – «Les Stéréotypes: Définition et Évolution des Travaux», in *Intercultures* (12), pp. 11-17.
- ESTEVES, M. C. (org.) (1991) – *Portugal, País de Imigração*, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- GALISSOT, R. (1991) – «Qu'est-ce qu'une Minorité?», in *Sciences Humaines*, (3), pp. 19-21.
- «Grupo», in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa, Verbo, 1980, vol. 9, p. 1115.
- ROCHA-TRINDADE, M. B. (1993) – «Minorias. Polissemia do Conceito e Diversidade de Manifestações», in M. B. N. Silva, et al. (org.) – *Emigração/Imigração em Portugal. Actas do «Colóquio Internacional sobre Emigração e Imigração em Portugal (séc. XIX-XX)»*, Algés, Editorial Fragmentos, pp. 422-433.
- TAJFEL, H. (1982) – *Grupos Humanos e Categorias Sociais – I*, Lisboa, Livros Horizonte.
- TAJFEL, H. (1984) – «Social Stereotypes and Social Groups», in J. C. Turner, & H. Giles – *Intergroup Behaviour*, Oxford, Basil Blackwell Publisher, pp. 144-167.
- THEODORSON, G. A.; THEODORSON, A. G. (1970) – «Minority Group», in *A Modern Dictionary of Sociology*, London, Methuen, pp. 258-259.